

ADEUS, QUE VOU P'RA GUERRA

Adélia Carvalho

Jacinto era tão terno, tão humilde. Nem um só pelo na cara e já tinha de ir, a mando da nação, proteger aquilo que não era dele, mas diziam ser de Portugal.

Como iria ele assim, tão submisso, defender-se da terrível morte que espreita em cada investida, onde iria ele buscar coragem e perícia para disparar uma arma. Pedissem-lhe para manejar um ancinho, uma forquilha, uma enxada, e aí sim. Saberia abrir feridas na terra, rasgar veios de água, combater pragas de gafanhotos, arrancar ervas daninhas. Agora matar, matar de fazer jorrar sangue, matar de fazer gritar, matar de rasgar as entranhas, isso não iria conseguir.

Celeste era pequenina, redondinha, com ar de menina que traz a liberdade do campo ao colo. Sabia de cor o canto dos pássaros, o nome de todas as ervas e flores, das árvores, dos animais, tanto dos pequeninos como dos grandes, dos da noite e dos do dia. Não havia nada na aldeia cujo cheiro e cor ela não conhecesse. Adivinhava as chuvas antes de elas caírem, os ventos antes de soprarem em rajadas, o calor antes de tudo queimar. Tão nova e já tinha de ir, a mando da fome, servir para a cidade.

Jacinto e Celeste nasceram no mesmo dia e libertaram o primeiro dos muitos choros à mesma hora. Cresceram juntos na aldeia de Monte Branco, que, por falta de chuva, era castanha. As casas que se estendiam pelo povoado, pouco mais tinham do que a porta da entrada e a mesa da parca comida. Fizeram juntos o batizado, a escola, a catequese, e deram o primeiro beijo com promessas de altar.

Celeste era a mais nova de doze irmãos: oito rapazes (todos seguidos) e quatro raparigas. O quarto dos pais, muito pobres, era ao lado da corte dos porcos. Talvez por tanta proximidade no convívio noturno, foram procriando como os animais de que lhes vinha muito do sustento. Doze filhos, mais do que os pratos que tinham para pôr na mesa, muito mais do que a comida que tinham para pôr nos pratos.

Foi na noite de Natal, ao festejar os catorze anos de idade, entre as couves e as batatas a fumer na panela, que Celeste recebeu a notícia:

— Hoje estive a falar com a professora, a D.^a Cacilda. — disse-lhe a mãe, com uma voz arrastada em que se pressentia uma dor funda.

— Ela conhece uma senhora na cidade que precisa de uma rapariga para servir, uma rapariga assim como tu, forte e despachada.

Começas a trabalhar na próxima semana, já está apalavrado.

Celeste ouvia e não levantava os olhos do prato partilhado com a irmã mais nova. Hoje o prato era mais farto, e ela sabia muito bem que ovelha que berra, bocado que perde. E continuava a ouvir a mãe:

— Vais aprender a lida de casa e sempre será menos uma boca para alimentar. A tua prima Rosa manda-te este vestido. Filha minha não vai para a cidade mal vestida. O resto da roupa, a Senhora diz que vai contigo à costureira, vais ter uma farda de servir bem bonita e um vestido para a missa. Depois voltas a trazer o da Rosa, que lhe faz falta.

Celeste ouvia e não dizia nada, ela já estava apalavrada, e a palavra dada sabia muito bem que a mãe não voltava atrás. Era lema da terra, era lema dos pobres, podiam não ter mais nada, mas a honra sobrava nas casas onde pouco mais havia.

Nessa noite teve dificuldade em adormecer, era-lhe estranho imaginar-se vestida com roupa de servir, sem ser a que já fora de outras raparigas antes dela, e que lhe chegava tão gasta que já pouco servia para a proteger do frio do inverno e do sol do verão. Nunca tinha ido a uma costureira, nunca vestira algo que não tivesse sido já vestido muitas vezes por outras como ela. Adormeceu acalentada pelo sentimento, novo para ela, de ter algo novo, só dela.

De manhã, mal avistou Jacinto, correu para ele e contou-lhe a novidade.

Ele ia para o campo, descalço e de calças arregaçadas até ao joelho.

O suor que lhe nascia na testa ia escorregando pelo pescoço, dava já indícios de que o trabalho ia ser duro, e eram apenas sete horas.

— Jacinto, já sabes? Vou servir para a cidade.

— E eu?

— E tu? Tu ficas aqui a ajudar a tua mãe, a tomar conta dos campos e do gado. Juntamos dinheiro e casamos. Fazemos um casamento bem bonito, com roupa nova e bolos para a boda.

— Queres lá tu saber de mim, assim que te apanhares na cidade. Não vais querer voltar, isto aqui não há futuro.

— Não sejas tonto, Jacinto. O Alentejo nunca sai da gente e somos um do outro desde que nascemos.

Jacinto virou a cara para a terra queimada pelo sol, depois olhou para a Celeste e disse:

— Juras?

Celeste foi para a cidade servir, mas a comida, na aldeia, continuava a faltar. Por isso, ia mandando à família o pão mole que sobrava na casa para onde fora servir; pão que, quando chegava, estava já duro e seco.

Jacinto foi chamado para a tropa, para o Regimento de Cavalaria N.º 3, em Estremoz. Aos fins de semana, apanhava o comboio até Sousel e ia namorar com a Celeste. Encontravam-se aos domingos, depois da missa. A Senhora deixava-os trocar umas palavras, sentados no banco em frente à estação. As perguntas repetiam-se:

“Como vais andando, tens notícias de Monte Branco, e a tua mãe, e as tuas irmãs?”. As palavras misturavam-se com juras de amor e o desejo do casamento com uma festa bonita. Era só esperar que os anos de serviço chegassem ao fim. Os dois já tinham um dinheirinho de lado, e a mãe de Jacinto entregava-lhes a casa e os campos. Já tinham muito. Não precisavam de tanto, desejavam só ter saúde para trabalhar.

Foi esta a rotina quase durante dois anos, até que Jacinto recebeu uma carta. A Pátria chamava-o.

A mãe e a Celeste ficavam para trás, o futuro ficava para trás. Temia esse

momento, porém acreditava que a sua vez não iria chegar. Era filho único, a mãe precisava dos braços dele para o campo de trigo e não para o campo da guerra.

Nessa manhã, depois da missa, sentaram-se os dois no banco do costume, em frente à estação de comboios. Celeste viu-lhe a tristeza no rosto e adivinhou-lhe a notícia antes de ele a pronunciar.

— Não fiques triste, vais ver que o tempo passa num instante, enquanto isso vamos juntando dinheiro, quando voltares casamos logo.

— E tu, esperas por mim?

— Não sejas tonto, sei lá eu esperar por outro, fizemos sempre tudo juntos, o primeiro choro, o primeiro riso, o primeiro beijo. Ouve bem o que te digo, eu serei a tua mulher e tu serás o meu homem, podes escrever.

Nesse momento, Jacinto, que sempre fora tímido, pôs-se em cima do banco e gritou alto, para que toda a gente ouvisse:

— Eu, Jacinto Manuel de Almeida, declaro, perante o Céu e a Terra e todos os que nos ouvem, que Celeste Maria é minha legítima mulher, e que ninguém separe aquilo que Deus, que é minha testemunha, uniu.

Comovida, Celeste abraçou-o naquele banco de estação no meio de chegadas, esperas e partidas. Abraçados já como marido e mulher. Fecharam os olhos e imaginaram a boda bem bonita, as cabeças de ambos enfeitadas de flor de laranjeira e a mesa farta de vinho e bolos.

Foram a pé e de mão dada até ao comboio que o iria levar para Angola. Mais uma vez o abraço, desta vez mais apertado, desta vez doía mais. O medo e a tristeza estavam plantados em todos os rostos naquela estação. 146 homens da terra eram chamados a defender a Pátria. Ali não faltava o choro de mães. Agarradas aos filhos, falavam-lhes como se eles ainda fossem os seus meninos. “Tem cuidado, alimenta-te bem, não apanhes muito sol”. As namoradas sussurravam-lhes: “Não te esqueças de voltar, fico aqui à tua espera”. “Não me esqueças, espera por mim”, diziam eles.

Não soube fazer outra coisa Celeste durante os meses que se seguiram. Nove

meses ao todo de uma gestação sem fruto. Celeste trazia aquele amor ao peito como uma mãe traz o filho na barriga. Nove meses de calor e de servidão na casa da Senhora.

Ao fim de nove meses, as cartas deixaram de chegar. Nem de Jacinto vivo nem de Jacinto morto, notícias nenhuma. Alguns companheiros de Jacinto iam chegando, uns em caixões, outros sem pernas, braços, cegos, outros inteiros por fora mas partidos por dentro (nunca mais se consertaram).

Mas de Jacinto nada.

A guerra terminou.

E de Jacinto nada.

A mãe de Jacinto adoeceu. Celeste foi chamada para junto dela, acompanhou-a até à morte.

— O nosso Jacinto, tens novidades?

— Não, minha sogra, mas há de voltar, sei que há de voltar. Prometeu-me, e eu também prometi esperar por ele.

Celeste tem hoje 83 anos. Todos os domingos vai para o banco da estação esperar o Jacinto. Fica ali sozinha, com os olhos abertos e fixos na entrada da estação. O seu olhar é o mesmo, igual ao dia em que o viu a entrar na carruagem.

Agora não há guarda-linhas, bagageiros, passageiros, a azáfama das malas, das carruagens, do comboio. As ervas crescem no meio dos carris. De resto é tudo igual.

Nela nada mudou, a vontade continua igual, a vontade de que Jacinto volte da guerra.

Ninguém lhe consegue dizer que o comboio já não passa ali.